



Editora da Universidade do Sagrado Coração

Coordenação Editorial
Irmã Jacinta Turolo Garcia

Assessoria Administrativa
Irmã Teresa Ana Sofiatti

Coordenação Geral
Luiz Eugênio Vésicio

R E V I S T A
CAMONIANA

Conselho de Honra
Segismundo Spina

Editora Científica
Maria Helena Ribeiro da Cunha

Assessora Científica
Sheila Moura Hue

Assessora Administrativa
Glória Maria Palma

Conselho Editorial
Cleonice Berardinelli, Aníbal Pinto de Castro
Evanildo Bechara, José Jobson de Arruda

Conselho Científico
Massaud Moisés (Br.), Carlos d'Alge (Br.), Gilda Santos (Br.),
Helder Macedo (Inglat.), Maria Helena Rocha Pereira (Port.),
Maria Helena Ureña Prieto (Port.), Luciana Stegagno Picchio (It.),
Maria do Céu Fraga (Açores), Rita Marnoto (Port.),
Maria Isabel Morán Cabanas (Esp.), Luís Adão da Fonseca (Port.),
Joaquim Romero de Magalhães (Port.).

Handwritten text in the top left corner, including the number 16 in a circle.

R E V I S T A

CAMONIANA

3ª série - vol. 16 - Bauru, São Paulo - 2004

REVISTA DE ESTUDOS DE
LITERATURA PORTUGUESA
DO NÚCLEO DE ESTUDOS
LUSO-BRASILEIROS DA
UNIVERSIDADE DO
SAGRADO CORAÇÃO
BAURU - SP



NÚCLEO DE ESTUDOS
LUSO-BRASILEIROS



Editora da Universidade do Sagrado Coração

MATOS, Maria Vitalina Leal de.
*Tópicos para a leitura de
Os Lusíadas*. Lisboa: Editorial
Verbo, 2003

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

Parece ter já passado o tempo em que o estudo dos livros ditos “clássicos” se justificava por si mesmo. Por muito que isso desgoste alguns, torna-se hoje necessário voltar a justificar a importância dessas obras, colocando em evidência as suas potencialidades formativas e demonstrando que, sem o convívio com elas, o homem de qualquer tempo se vê privado do entendimento daquilo que melhor o define como espécie: as emoções, os sentimentos, os valores, os desejos, sedimentados e inscritos no sortilégio do verbo.

Assim sucede com *Os Lusíadas* que, para além de tudo, foram sempre entendidos como celebração identitária dos portugueses e como prova de adulez da sua Língua, hoje partilhada por uma vasta comunidade de falantes. Só assim se pode compreender que o livro de Camões continue a ocupar papel de tanto relevo nos programas de Língua Materna, resistindo relativamente bem a todas as pulsões restritivas que vêm afetando o cânone literário escolar. Assim se entende, ainda, que a epopéia em apreço se tenha convertido em referência central das Culturas de Língua Portuguesa, moldando (porventura como nenhum outro livro) a sensibilidade cívica e estética de muitas e muitas gerações. Alguns, em Portugal e no Brasil, guardarão das aulas de

conteúdo camoniano lembranças menos agradáveis, relacionadas com a divisão de orações ou a classificação das figuras de retórica. E não admira que assim seja, uma vez que se trata de práticas pedagógicas que contradizem a lúdica distensão que hoje caracteriza o ambiente escolar. O balanço, porém, não pode reduzir-se a uma lembrança tão rarefeita. Por detrás desse rasto de desprazer, é sempre, possível, pelo menos, descortinar a memória mais ou menos empática de um episódio, de um passo, de uma figura real ou mitológica: Inês de Castro, Vênus, a *Fermosíssima* Maria, Nun'Álvares Pereira, o Adamastor, Fernão Velloso, Leonardo...

É, em todo o caso, indiscutível que *Os Lusíadas* exigem uma atitude pedagógica renovada, em consonância com as metas educativas da Escola moderna, o que implica tanto o respeito pelas especificidades histórico-culturais que moldam o horizonte camoniano como a observância dos interesses e necessidades dos alunos de hoje.

Nesse compromisso reside, porventura, o mérito maior do livro agora publicado por Maria Vitalina Leal de Matos (M. V. L. M.), a partir de um opúsculo vindo a lume em 1983, agora substancialmente atualizado no plano dos conteúdos camonianos e no plano das pistas pedagógicas que a cada passo se suscitam. De entre essas pistas sobressaem, desde logo, as que estão contidas nas utilíssimas análises de alguns excertos do poema. A idéia parece ser a de que nada pode ajudar tanto a enfrentar um texto como estimular a sua compreensão prévia em profundidade, demonstrando, na prática, algo do muito que com ele se pode fazer, em termos de interiorização intelectual e afetiva. Dito por outras palavras: ao invés de delimitar o itinerário fechado de uma qualquer exploração pedagógica, a autora opta por analisar textos, procedendo ao levantamento de sentidos, essencialmente movida pela curiosidade de compreender e de dar a compreender. Nesta linha, em vez

de confinar a atuação do professor, sinalizando-lhe todas as etapas, a autora deixa-lhe o estímulo da sua própria leitura e confia-lhe, por inteiro, a possibilidade de a aceitar ou de a re-elaborar, ajustando-a aos objetivos pretendidos, em face de cada situação letiva. Ao assumir-se como leitora de *Os Lusíadas*, M.V.L.M. convida expressamente professores e alunos a serem também leitores num registro de sensibilidade pessoal, para além de todos os exercícios de enquadramento teórico que, sendo necessários, estão longe de ser suficientes.

Talvez por isso, num primeiro momento, o presente livro pode surpreender (talvez mesmo decepcionar) alguns destinatários, habituados a outro tipo de bibliografia auxiliar. Ao contrário de muitos outros livros (aqueles que se revelam fartos em esquemas e em sínteses de meia página), o presente estudo não é facilitista, não se revela de apreensão fácil e imediata: não o é para alunos, habituados a aproximações mais simples e assertivas; não o será, sequer, para alguns professores. E, no entanto, vencida a barreira psicológica da dificuldade inicial, pode tornar-se utilíssimo para uns e para outros. Para os alunos de níveis mais avançados (penso inclusivamente naqueles que frequentam a Universidade), porque nele se encontra um repositório bem ponderado do que de mais importante se disse acerca do grande poema de Camões, equacionando problemas ou diferenças de perspectiva e destacando aspectos em que vale a pena atentar, acicatando hipóteses de questionação; para os professores dos diferentes graus de ensino, o livro torna-se útil porque nele se proporciona um entendimento densificado do poema, com recurso às melhores fontes do camonismo antigo e moderno. Em termos práticos, isto quer dizer, por exemplo, que, depois de ler o estudo de M. V. L. M., o professor de Português colhe fundamentos mais seguros para se sentir de novo entusiasmado com o poema de Camões que continua a marcar presença nos programas, embora sujeito a uma nova

sintaxe histórico-literária (refiro-me obviamente ao empobrecedor emparelhamento com a *Mensagem*, de Fernando Pessoa, que agora vigora no 11º ano). Tanto mais que, tratando-se de um texto recorrente, é enorme o risco de se cair em leituras triviais, repetidas sem convicção e sem margem para que possa acender-se qualquer chama de sensibilidade; retemperado por esta leitura, o docente/leitor sente-se pois mais habilitado a dizer coisas interessantes e sugestivas aos seus alunos, tirando partido formativo e informativo de um texto que, afinal, ainda não acabou de dizer o que tem para nos dizer, numa diferiçãõ de sensibilidade que se ajusta a cada tempo de leitura.

Outro dos méritos que sobressai no presente livro é a tônica de abertura que preside à sua construção. O mais corrente em obras deste tipo é encontrarmos enumerações de “tópicos”, cumpridos no circuito que vai do contexto ao texto, num registro de causalidade redutora. Não é esse o caminho menozante que a autora segue (nesse aspecto, o título, encabeçado pelo nome “tópicos”, pode mesmo induzir em erro): logo no capítulo inicial, onde se analisa a situação histórica resultante das Descobertas, evitam-se os consabidos chavões da *Glória* e da *Decadência*, optando-se por convocar visões mais problematizantes (com destaque para as que foram sustentadas por Silva Dias e por Magalhães Godinho). Em suma, a autora procede à integração d’*Os Lusíadas* num determinado horizonte cívico e cultural, mas não os faz depender dele em termos estritos. O mesmo acontece a propósito da observância do modelo épico imitado por Camões (avultando, neste caso, as posições inovadoras de Hélio Alves e a superação das anteriormente defendidas por Fidelino de Figueiredo). A visão dialética predomina ainda nos capítulos seguintes, onde se analisa a questão do Nacionalismo e do Universalismo (assunto que surge criteriosamente resgatado de preconceitos antigos e modernos), do Heroísmo (enquanto hori-

zonte abstrato, mas aferido em função de casos concretos), do Real e do Imaginário (ponderando devidamente os cruzamentos que daí resultam nos diferentes planos da diegese).

O capítulo final (porventura o mais inovador) trata da “oficina do artista”; e também nesse caso a autora abdica de um raciocínio unívoco, optando por enfrentar significativamente os “problemas” da narração ou da tensão central contida na oposição entre “Estilo *clássico*” e “Estilo *maneirista*”. Sobre este aspecto, nomeadamente, M.V.L.M. não só se abstém de tomar posição definitiva acerca da vertente que supostamente prevalece (evitando mais uma vez os esquemas dicotômicos que povoam os consabidos manuais), como invoca razões de ordem teórica e histórico-cultural que, em última instância, podem colocar em causa a própria justeza dos conceitos de *Renascimento* e *Maneirismo*. Invoca, inclusivamente, com pertinência, as posições de Jean Delumeau (um dos mais credibilizados historiadores do Renascimento), para quem, na sua essência compósita, o período em causa abrange aspectos marcantes da mundividência pessimista, ou seja, envolve também a “marca de água” do que normalmente se designa por *Maneirismo*.

A tônica de problematização adotada pela autora não se destina a esconder o pensamento próprio que se lhe conhece. De resto, parte considerável do presente livro remete, de forma direta ou indireta, para posições anteriormente assumidas por si, a propósito da epopéia e a propósito dos problemas que envolvem a figura e a obra de Camões, em geral. Nelas se reconhecem inclusivamente as linhas da leitura dialética e tensional que, na senda de Antônio José Saraiva, Jorge de Sena e Jacinto Prado Coelho, cunhou com impressiva personalidade ao longo de um percurso de camonismo invulgarmente inovador, qualificado e perseverante. Neste caso, porém, essa atitude encerra um profundo alcance pedagógico, visando modalizar soluções fáceis, instigar à reflexão e ao debate.

Por todos os motivos atrás aduzidos e também porque nunca deixa de convidar a um trabalho de alargamento e exigência, o livro canônico de Maria Vitalina Leal de Matos passará a ocupar lugar de justo destaque no âmbito (não muito dilatado) daqueles que se destinam aos meios escolares intermédios. Na medida em que nele se oferecem *tópicos* (?) mas não receitas, fundamentos mas não soluções, apetece dizer que, desta vez, estamos perante um livro didático “como deve ser”.